

**“O JAGUNÇO MODERNO”
UMA COMUNICAÇÃO TRANSCULTURADORA EM
GRANDE SERTÃO VEREDAS, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

*Ana Lúcia Branco*¹

Resumo: A primeira parte do estudo consiste em apresentar o aspecto metodológico, que reporta à abordagem de Ángel Rama de uma América Latina como um projeto a ser delineado pelo trabalho intelectual por meio do conceito da “transculturação”, entendendo-o como um processo de perdas, seleções, redescobertas e incorporações entre duas culturas que entram em contato. A segunda corresponde à aplicação da mesma em *Grande Sertão: Veredas*, mais especificamente no episódio do julgamento do personagem Zé Bebelo, quando Riobaldo, pela linguagem, se mostra tanto do lado tradicional do sertão quanto do lado da modernidade proveniente consubstancialmente das urbes.

Palavras-chave: Linguagem. Ángel Rama. Transculturação. Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*.

Abstract: The first part of this work introduces the methodological aspect that shows the Ángel Rama’s approach as a Latin America, a project to be described by the intellectual work through the concept of the “transculturation”, understanding it as a process of losses, selections, rediscoveries and incorporations between two cultures in contact. The second part is its use in *Grande sertão: veredas*, specifically, at the moment of the open trial of the character Zé Bebelo when Riobaldo, by the language, presents himself to both sides, the traditional as well as the modern one that proceeds mainly from the cities.

Key-words: Language. Ángel Rama. Transculturation. Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*.

¹Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2004). Atualmente, é mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A orientação da pesquisa pertence ao Prof. Dr. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari.

Grande Sertão: Veredas revela a história da substituição de um tempo pelo outro, com uma reintegração do tempo passado ao tempo presente como consecução de uma memória. O principal operador dessa troca de tempos foi o próprio narrador-protagonista sob as vestes de um *transculturador*. Isso se deu pela superação da dicotomia entre duas linhas de força, a moderna e a tradicional, o que possibilitou a Riobaldo instituir trocas simbólicas e culturais entre diferentes territorialidades, tradições e sistemas ideológicos, assegurando-se entre os planos que lhe coube mediar.

Em uma entrevista (Fantini, 2004, p. 56) a Günter Lorenz, Guimarães Rosa deixou patente seu compromisso com a missão de *transculturar*, ou seja, de mediar conflitos, promover trocas culturais para, dessa forma, contribuir no processo de modernização literária e cultural da América Latina. Partindo, então, do pressuposto básico de Transculturação, segundo postulação de Ángel Rama, entendido, por sua vez, como um processo que sugere um duplo movimento de assimilação e resistência entre culturas que entram em contato, e que desencadeia, conseqüentemente, perdas e ganhos parciais de conteúdos e práticas culturais entre elas, pretendo fazer dele a metodologia deste estudo, viabilizando um dos principais momentos em que Riobaldo efetua a operação dos tempos a que me referi de início. Trata-se, pois, do episódio do julgamento de Zé Bebelo, quando Riobaldo mostra sua Letra enquanto valor, com argumentos que tanto penderam para o mundo arcaico quanto para o moderno.

Rosa “demarcou” suas obras com heterogeneidade e hibridez cultural que fez de sua linguagem ficcional um refinamento técnico, colocando-a em confronto dialógico com idiomas, culturas, ideologias distintas. Sempre situado numa “terceira margem”, entre o público e o privado, o regional e o universal, o erudito e o popular, o moderno e o arcaico, apresentou-se como um emblemático transculturador, um papel que lhe possibilitou explicar em seus textos a coexistência entre sujeitos sociais e etnicamente dissímiles.

Ángel Rama pensou a literatura enquanto objetivo de trabalho cultural, por ser construída, à medida que faz parte de um discurso social.

No basta que haya obras literarias buenas e exitosas para que exista una literatura. Para alcanzar tal denominación, las distintas obras literarias y los movimientos estéticos deben responder a una estructura interior armónica, com continuidad creadora, com afán de futuro, com vida real que responda a una necesidad de la sociedad tsen que funcionan. (CHIAPPINI; Aguiar, 1993, p. 149)

Pela literatura queria não apenas a informação, mas também uma forma de compreensão da realidade. Assim, sua obra é um reflexo sobre o tempo latino-americano, com suas dimensões de memória e projeto, pois pensou num estatuto de América Latina apoiado sobre três aspectos, considerando-a uma tarefa, uma tarefa de vanguarda e fundamentalmente ligada ao trabalho dos intelectuais. Oliveira Martins (apud Romero, 1978, p. 33) já apontava no século XVIII a relevância dos intelectuais quando expressou

sua opinião de que a máxima prova da constituição orgânica do Brasil era a sua fecundidade intelectual.

O crítico considera as literaturas latino-americanas como divisões puramente históricas da atividade literária segundo cada nação, julgando ser a realidade julga ser transnacional e se prendendo a certas regiões que foram despedaçadas pela “balcanização”, que, por sua vez, denominou de “comarcas” (Cf. CHIAPPINI, & AGUIAR, 1993, p. 267).

O verso de “O trovador”, presente em *Paulicéia Desvairada* (1987), de Mário de Andrade, que serviu de segunda epígrafe a este estudo, abarca a típica heterogeneidade da formação cultural brasileira por fazer saltar aos olhos o paradoxo gerado pela inter-relação de “tupi” (etnia/cultura/língua ameríndia) com “alaúde” (instrumento de cordas europeu). Contudo, não é porque o alaúde e os tupis pertencem a histórias diferentes que eles não puderam se encontrar na pena de um poeta ou no meio de uma aldeia indígena administrada pelos jesuítas. É justamente o elemento “língua” que, por transcender todas as “comarcas”, pode servir de critério para delimitar um universo literário (Gruzpinski *apud* Abdala Jr., 2004, p. 162).

Para explicar, na década de 70, de que maneira formas da modernidade europeia haviam se adaptado à realidade latino-americana, Rama usou o conceito da transculturação, neologismo criado pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz, em 1940, em seu *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, para explicar o impacto das trocas culturais e econômicas durante o empreendimento colonial. Enquanto Ortiz estudou a transculturação como processo, Rama encarou-a como processo e projeto, acrescenta-se, literário e cultural.

Para o processo de transculturação nas obras literárias, Rama estabeleceu três níveis distintos e complementares: o lingüístico, o da estruturação e o da cosmovisão. Sumariamente, correspondem à utilização inventiva da linguagem por meio do resgate de falas e modos de expressão regional ou local, à incorporação do imaginário popular, de formas narrativas e temas próprios e ao abandono do discurso lógico-racional em favor da incorporação de nova visão mítica. Um conjunto, portanto, ocasionado pela tensão entre a modernidade vanguardista, glorificada de suposta universalidade, de um lado, com a tradição localista regional de outro. (Aguiar; Vasconcelos, 2000, especificamente, p. 219 à 225, 266 à 269; 269 à 280; e 210 à 215.

Durante o processo, observam-se destruições, absorções e afirmações de valores e elementos em ambas as culturas envolvidas. É exatamente nessa perspectiva que se encaixa, segundo Bronislaw Malinowski, a transculturação, um processo em que “ambas as partes da equação são modificadas; um processo no qual emerge uma nova realidade, composta e complexa, uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de caracteres, nem sequer um mosaico, mas um fenômeno novo (...).” (Apud Aguiar; Vasconcelos, 2000, p. 259-60).

Grande sertão: veredas salienta uma língua do sertão com formas nem novas nem velhas, e sim vivas. Nele, Guimarães Rosa “não aflorou o manancial das palavras”, nem “o jeito de as falar”. Recebeu-as “por transculturação da terra de onde vieram ao mundo, transportadas por um terceiro povo, que foi o conquistador ultramarino”. As subculturas da região do sertão mineiro, quer a de vaqueiros, quer a de jagunços, encontram voz e são colocadas em situação de permanente diálogo com a cultura letrada e urbana, representadas pelo narrador e interlocutor (PAZ-ANDRADE, 1983, p. 87).

O romance rosiano mostra como a condição do sertanejo pobre é ambígua, como sua dispensabilidade redundante em dependência, sua liberdade em submissão; e é, seguindo uma acepção de Galvão (1972, p. 12), o narrador-protagonista que, tendo uma vida dividida em duas partes – como membro da plebe rural quando menino e quando jagunço; e como membro da camada dominante quando jovem e quando velho – tem distância crítica para perceber a ambigüidade da condição do pobre pacífico ou guerreiro conforme sirva aos interesses de quem manda.

Riobaldo não é bom nem ruim. A sua natureza de homem e a sua condição humana, ambas, são um “estado de fato” cujo dado original só é perceptível nas suas oscilações entre o singular pluralismo das verdades e dos seres, o irrealizável do real, o mundo das letras e o da jagunçagem, ação e reflexão, e entre os pólos morte/vida, criação/acaso, arcaico/moderno. Ambígua, aliás, é a própria língua de Rosa, que explícita consideravelmente a premissa a que pretendo chegar ao analisar determinada fala de Riobaldo, pois ela

[...] põe e compõe os contrários, fundamenta e funde os elementos mais diversos. É fala e muito construída, trivial e rebuscada, erudita; sertaneja e bem diferente de uma copa da língua caipira; essencialmente seca, brusca, pedregosa, cheia de relevos e asperezas – realista com rudeza – mas também capaz de doçura [...] (ROSA, *apud* COUTINHO, 1983, p. 476).

Por meio de Riobaldo, Rosa (1956) proporciona ao leitor visão “de dentro” da jagunçagem. Diferentemente de Euclides da Cunha, não fala *sobre* o sertão, do lado de fora, a partir de uma tribuna moral supostamente superior, mas faz a própria voz do sertão falar.

“Enquanto o ensaísta-engenheiro sobrevoa o sertão como num aeroplano, o romancista [Guimarães Rosa] caminha por ele como por uma estrada-texto. Ou então ele atravessa o sertão como um rio” (BOLLE, W., 2004, p. 76). Há, portanto, um olhar exatamente oposto das vistas euclidianas, do alto, pois o rosiano porta uma perspectiva rasteira.

Se enquanto autor emprestei ao sertanejo o *instrumental cultural* necessário para trazer à superfície aquele lastro intertextual das partes, por sua vez, esse *sujeito amoroso* chamado Riobaldo me conferiu, com a sua fala, em câmbio, 'a inocência do seu imaginário, tão indiferente ao bom uso do saber.' (ROSA, *apud* OLEA, 2006, p. 44).

Entre duas configurações culturais diversas, a da modernidade e a dos “deserdados da modernização”, Rosa atingiu equilíbrio formal por meio das operações transculturais de Rama, vendo-as como resposta criadora ao confronto entre o mundo tradicional do sertão e as alterações que foram, lenta, mas inexoravelmente, transformando sua face e seus modos de vida. O episódio do julgamento de Zé Bebelo retrata consubstancialmente essa perspectiva e será motivo de análise em seqüência.

Zé Bebelo, capturado, depois de perder batalha contra o bando de Joca Ramiro, na Chapada-da-Siriema-Correndo, e de ter sido salvo da morte por pretexto inventado por Riobaldo, exigiu seu julgamento, incorporando, com isso, um princípio novo àquele meio, que foi, por sua vez, consumado por Riobaldo.

Joca Ramiro consente a exigência do réu e, junto de seus jagunços, se reúne na Fazenda Sempre-Verde, do doutor Mirabô de Melo, para o cumprimento da mesma. O chefe do bando principia, então, o julgamento dando permissão aos presentes para referir opinião e propor condena.

Foram oito os que tomaram a palavra: Hermógenes, Sô Calendário, Ricardão, Titão Passos, João Goanhá, Gú, Dôsno e Riobaldo, respectivamente. Ou seja, praticamente só os “grandes” se pronunciam, o que faz do episódio um conselho de chefes assistido pelos demais. Sumariamente, a sentença ficou na proporção de seis votos a favor da absolvição de Zé Bebelo para dois contra. Dentre todos os oradores, o discurso de Riobaldo é o mais surpreendente e revelador, pois é neste episódio que mostra, incisivamente, pela primeira vez, suas cabais possibilidades de chefia: “- Dê licença, grande chefe nosso, Joca Ramiro, que licença eu peço! O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posso ficar...” (ROSA, 1956, p. 273).

Sua argumentação, ressaltando-se por se apresentar distinta daquelas conhecidas pelos jagunços, torna-se imprescindível à salvação de Zé Bebelo. Além disso, é digna de nota, e objeto central deste estudo, a duplicidade da oratória do narrador-personagem, uma vez que estabelece propensão tanto para o mundo moderno quanto para o tradicional. O que seria moderno e o que seria arcaico, então, em sua comunicação?

Riobaldo reconhece a qualidade de chefia jagunça de Zé Bebelo, assumindo inclusive que ao lado dele guerreou nesse “sistema” do sertão:

é Bebelo é homem valente de bem, e inteiro, que honra o raio da palavra que dá! Aí. E é chefe jagunço, de primeira, sem ter ruindades em cabimento, nem matar os inimigos que prende, nem consentir de com eles se judiar... Isto, afirmo! Vi. Testemunhei! (ROSA, 1956, p. 274).

Ressalta o caráter da memória, a tradição oral do sertão e a valentia do bando em que guerreou:

A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas... Pois então, xente, hão de se dizer que aqui na Sempre-Verde vieram se reunir os chefes todos de bandos, com seu cabras valentes, montoeira completa, e com o sobregoverno de Joca Ramiro [...] (ROSA, 1956, p. 274).

E engrandece, por fim, a nova instituição que ocorria naquele lócus tradicional:

[...] se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a māvazias, punido só pela derrota que levou – então, eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos... (ROSA, 1956, p. 275).

Chefe jagunço é quem dita a lei, indica o caminho, sugere os alvitres, inspira os sentimentos, estimula a ação, determina o alcance e o significado dos fatos. Riobaldo só se torna efetivamente um quando, depois do assassinato de Joca Ramiro, Zé Bebelo e Titão Passos ficam na suspensão de qual deles assumiria o bando dali em diante com o fim de levar a cabo a vingança sobre Hermógenes. Entretanto, é no episódio do julgamento de Zé Bebelo que Riobaldo se apresenta na qualidade de autoridade maior do sistema jagunço. Mostra-se cômico de sua eloquência, da sua elevação de jagunço a chefe, desejando, diga-se de passagem, reconhecimento, por isso:

Joca Ramiro, fazendo um gesto, então queria que eu calasse absolutamente a boca [...]. *Eu quis*, de repente, *tornar a ficar nenhum, ninguém, safado humildezinho ...*; p. 276 (grifo meu) // O silêncio todo era de Joca Ramiro. [...] Ninguém não reparava mais em mim, não apontavam o eu ter falado o forte solene [...]; e então, agora, para todos os de lá, eu não existisse mais existido? Só Diadorim, que quase me abraçava [...] (ROSA, 1956, p. 277).

O Jagunço-moderno, que aqui alcunhamos Riobaldo, fala, portanto, com linguagem, voz e autoridade de Chefe dos jagunços ao mesmo tempo em que entroniza valores que até o momento eram de total desconhecimento daquele meio: a ordem, a justiça, o conceito abstrato de identidade humana que leva à formulação de um direito – o que se antepõe

ao costume consagrado. Ocorre o que Aguiar (1992, p. 88) denomina de “pacto letrado”, ritualizado no julgamento entre Riobaldo e Zé Bebelo que, ao concederem foro à nova ordem entre a guerra e a paz, introduzem no mundo jagunço aquilo que o destruiu.

O que se apreende do discurso do narrador-personagem é a tensão mediante a valores modernos que se deixa penetrar na realidade sertaneja e à continuidade do sistema vigente local. Nesse sentido, o transculturador Riobaldo constitui-se como aquele que desafia a cultura estática a desenvolver sua potencialidade e produzir novos significados sem, contudo, perder sua textura íntima. Como menciona Bolle (2004, p. 124), o que caracteriza a cena do julgamento é a combinação de uma visão de dentro com um ponto de vista de fora, o que faz a invenção de um narrador “jagunço-letrado” - um verdadeiro achado de Guimarães Rosa.

Em seu “monólogo-diálogo”, na expressão de Rama, ou “diálogo pela metade”, na de Schwartz, Riobaldo se põs em uma terceira margem, numa posicionalidade oblíqua, em que medeia extremos eqüidistantes em escala e valor.

É assim que, ao encarnar a condição ambígua de jagunço e letrado, ele se posiciona numa linha de fuga que lhe possibilita bordejar extremos e deslizar de uma a outra margem, sem, contudo, se fixar em nenhuma. Portanto, quando entremesclam as 'verdades' de margens e bandos opostos, o Riobaldo 'cerzidor' pode relativizar as certezas culturais de cada pólo, e as margens por ele abertas são as terceiras margens onde, com a desierarquização dos absolutos, passam a vigorar a heterogeneidade e o hibridismo, temporal e cultural (CANDIDO, *apud* ABDALA, 2004, p. 167).

Por meio do processo de transculturação, Ángel Rama vê para a América Latina a possibilidade de recuperação do passado para criar projeto de futuro. Para o continente, empenha-se na explicação do nosso modo particular e específico de inserção no sistema cultural mundial, não, como salientou L. Chiappini e F. Aguiar (1993), numa posição de subalternidade, e sim em condições que permitam a um conjunto de escritores se colocar em pé de igualdade com seus coetâneos.

Durante o processo de modernização e o resgate das culturas locais e marginalizadas pelo primeiro elemento, vê-se, por meio do processo da transculturação, ganho de natureza dialética entre a cultura do vencido e a subalterna: vê-se a possibilidade de superação de seus pólos opostos e contrários, sem que seja preciso contê-los para os exprimir.

Ouso discordar de Eça de Queiroz quando se externa na máxima: “Bem-aventurados os pobres de léxico, porque deles é o Reino da Glória” (*apud* DANIEL, 1968, p. 18). Pois é justamente João Guimarães Rosa quem me dá sólidos subsídios a minha discordância, uma vez que, intelectualmente, pela artesanía da linguagem, soube resolver a tensão entre as inovações européias tidas como modernas, vanguardistas e a herança da cultura local

mineira, que procurou conservar os valores tradicionais. O choque entre elas aparece expressado em suas obras pela transculturação.

São pelas palavras de Riobaldo, pela sua maneira de desdizer as coisas, seu vocabulário emperrado, quando não às avessas, sua sintaxe destrambelhada que Guimarães Rosa reinventa a linguagem, não se limitando a escrever sobre o povo, mas fazendo com que as pessoas do povo fossem elas mesmas donas das palavras, assim como ele que, sob a figura do transculturador, mergulhou em suas falas. E foi esse engajamento na oficina da linguagem de um país que ainda está se fazendo que fez Rosa despontar aos olhos críticos de Ángel Rama que o considerou, pois, um mediador entre duas esferas culturais desconectadas: o interior-regional e o exterior-universal.

Inferindo, em *Grande sertão: veredas* há uma trindade de pessoas distintas, porém unidas, conforme observação de Olea (2006, p. 132): o Pai-Rosa, o Filho-Riobaldo e o Santo Espírito do Texto. O escritor, por meio do escrito transculturado, permite que “a linguagem se faça e se refaça no próprio texto, no qual, por sua vez, a diacronia encontra a sincronia, o dado histórico colide com o sistema existencial.” Reunindo estórias, histórias e anti-histórias, a obra conjuga paralelamente heróis e anti-heróis, vitoriosos e vitimados no meio sertanejo em resistência à modernidade das urbes.

No episódio do julgamento de Zé Bebelo, Riobaldo, pela sua Palavra, revela ativamente a palavra de Chefe, colocando-se acima daqueles que até então eram seus iguais, inserindo-se naquela política do sertão, naquele mundo tradicional em que a fala do chefe jagunço é a voz maior e absoluta, ao passo que, concomitantemente, discursa em prol da modernidade neste mesmo meio, instituindo valores que até então não faziam parte da realidade daqueles.

Bibliografia

ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGUIAR, Flávio. O oco do mundo. In: BRAIT, Beth (Org.). **O sertão e os sertões**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

_____. As imagens femininas na visão de Riobaldo. **SCRIPTA**. Minas Gerais: PUC, vol. 2, n° 3, 2° sem. 1998.

_____. O pacto e o pacto letrado. **Organon**, Rio grande do Sul: UFRS, vol. 6, n° 19, 1992.

_____. **Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2000.

_____; CHIAPPINI, Lígia (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1993.

ANDRADE, Mário de. **Paulicéia desvairada in Mário de Andrade: poesias completas**. São Paulo: EDUSP, 1987.

ÁVILA, Affonso. Autenticidade em Guimarães Rosa. In: Suplemento de Literatura. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 12 nov. 1957.

BENJAMIN, W. Escavando e recordando. In: _____. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA, César. **Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BOLLE, Willi. **Grande sertão.br**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. Grande sertão: cidades. **revista USP** São Paulo, n°. 24, dez./fev. 1994/95.

_____. O sertão como forma de pensamento. **Revista SCRIPTA**. Minas Gerais: PUC, vol. 2, n°. 3, 1998.

_____. A função diabólica da linguagem. **Letterature d'America**. Roma, ano 19 – 20, n°. 81-82, 2000.

BOSI, Alfredo. A historiografia. In: **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. Colônia, culto e cultura e cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, vol. 3.

_____. O olhar crítico de Ángel Rama. In: _____. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. No grande sertão. In: CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. São Paulo: 34, 1ª ed., 2002.

CARPEAUX, Otto M. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.

CESAR, Guilhermino (Sel. e Apres.). **Historiadores e críticos do romantismo**. São Paulo: EDUSP, 1978.

CHIAPPINI, Lúgia, DIMAS, Antonio e ZILLY, Berthold (orgs.). **Brasil – país do passado?** São Paulo: Boitempo, 2000.

COSTA, Joaquim. **A Expressão literária e a Aprendizagem do Estilo.** Rio de Janeiro: Porto, 1928.

COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Col. Fortuna crítica, 1983.

DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: travessia literária.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa – Fronteiras, Margens, Passagens.** São Paulo: Ateliê Editorial/Senac, 2004.

_____. Águas turvas, identidades quebradas – Hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas. In: ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura.** São Paulo: Boitempo, 1ª ed., 2004.

GALVÃO, Walnice N. **As formas do falso.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. Riobaldo, o homem das metamorfoses. In: MOTA, Lourenço Dantas e ABDALA Jr., Benjamin (orgs.). **Personae: grandes personagens da literatura brasileira.** São Paulo: SENAC, 2001.

JOLLES, André. Trad. Álvaro Cabral. **Formas Simples.** São Paulo: Cultrix, 1930.

MERQUIOR, José G. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensaio sobre a escola neohegeliana de Frankfurt.** Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Brasileiro, 1969.

MIRANDA, Wander Melo. O sertão em forma de hipertexto. In: Caderno Mais! **Folha de São Paulo**, 08 de outubro de 2004.

PAZ-ANDRADE, Valentín. **A galeguidade na obra de Guimarães Rosa.** São Paulo: DIFEL, 1983.

PIZARRO, Ana (org.). **Palavra, literatura e cultura.** Campinas: Fundação Memorial da América Latina: UNICAMP, 1993.

_____. Áreas culturais na modernidade tardia. In: ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura.** São Paulo: Boitempo, 1ª ed., 2004.

OLEA, Héctor. **O Professor Riobaldo.** São Paulo: Ateliê, 2006.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Trilhas no Grande Sertão**. Rio de Janeiro: Documentação/MEC, 1958.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMERO, Silvio. **Teoria, crítica e história literária**. São Paulo: EDUSP, vol. 2, 1978.

RONCARI, Luiz. O lugar da história na obra de Guimarães Rosa. In: MATOS, Edilene, CAVALCANTI, Neuma, LOPEZ, Telê A. & LIMA, Yêdda (orgs.) **A presença de Castello**. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. O tribunal do sertão. In: **Teresa**. São Paulo: USP, vol. 2, n° 2, p. 216-248, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1ª ed., 1956.

SCHWARZ, Roberto. Grande-Sertão: a fala. In: **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

STARLING, Heloísa. **Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande sertão: veredas**. São Paulo: Revan, 1999.